



“Devemos livrar o pobre papalagui, tão confuso, da sua  
loucura!”

Uma busca da experiência do tempo escolar através da  
filosofia

POR KALUANY HONDA LEONE,  
ALLAN WILLIAM DE JESUS  
Y GABRIELE CASTO

kaluanyhl@hotmail.com  
alan.faced@yahoo.com.br  
bibicastroandrade@hotmail.com.br

### As marcas daquilo que nos passa...

*Decir algo de la experiencia (...) puede llegar a ser lo mismo que intentar conservar un puñado de agua: a la vez que la sentimos, que durante un momento hemos pensado que lo hemos conseguido, sin embargo, al sacar la mano del agua, solo vemos cómo chorrea, cómo se nos escapa. Y sin embargo, la hemos sentido, hemos podido notar la posibilidad de tenerla, de percibir las sensaciones que nos produce; mientras manteníamos la mano sumergida, la hemos ahuecado y por un momento la hemos sentido plena de líquido. No, no ha sido en vano; aún conservamos las sensaciones y, junto con la consciencia de la imposibilidad de nuestro reto, mantenemos la vivencia de haberlo hecho.*

José Contregas Domingo

Larrosa (2009) diz que a experiência é “isso que me passa”, é, por assim dizer, um acontecimento. “Isso que me passa” significa que “isso” do “isso que me passa” é algo que é independente de mim, não faz parte de minhas representações, nem de meus sentimentos, meu poder ou minha vontade. Significa também, que o “me” supõe um segundo lugar do acontecimento, que sou eu. Supõe que o que passa não passa em minha frente, não passa por mim, mas passa em mim.



A experiência é por assim dizer, algo que não sou eu, algo que não faz parte de meus sentimentos, pensamentos, não faz parte do que eu quero e ainda assim, acontece em mim.

Experienciar algo, deixar que algo me passe, pressupõe uma aventura, guarda uma incerteza, carrega um risco, abre as janelas ao perigo e esse algo ao passar, abre uma brecha, deixa uma marca, cria um rastro, produz uma ferida (LARROSA, 2009).

A singularidade do real se descortina com a experiência, isso porque o real, o singular, é irrepresentável, não identificável, irrepresentável, irreconhecível, incomparável, extraordinário, único, insólito, surpreendente. E o sujeito da experiência, o lugar do “me passa”, também é ele mesmo, único, irrepresentável, incompreensível, singular (LARROSA, 2009).

A experiência surge como uma oportunidade de fazer uma limpeza em nós mesmos; surge como uma abertura para novas formas de relação. Não se preocupa em nos dizer o que queremos escutar, tampouco nos mostra o que queremos ver, mas nos convida a pensar que a educação pode ser o lugar sensível de relações outras, inclusive com o tempo.

Assim, a experiência supõe uma suspensão, um afastamento, um abandono de qualquer posição desde a qual se fala, desde a qual se pensa, desde a qual se sente e desde a qual se vive, dado que ela dá lugar à incerteza, ao “quicá”. Ela é uma abertura ao possível e ao impossível, ao que pode ser e ao que não pode ser, se abre ao surpreendente. É uma aposta ao que não se conhece de antemão, ao que não é possível aparentemente, ao que não se deseja (LARROSA, 2009).

Experienciar algo, nada tem a ver com a verdade das coisas, mas com o sentido ou o sem-sentido do que nos acontece, é algo particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal e dessa maneira, não se desassocia do sujeito que a encarna e, no entanto, viver a experiência, é algo cada vez mais raro (LARROSA, 2014).



Trazer a experiência para dentro da escola implica não somente pensar nossa prática educativa pelo viés da experiência. Trata-se de pensar se nossos encontros educativos se transformam em experiências para todos e todas.

Trata-se também de converter a educação em um experimentar, sentir e aprender, uma experiência que não se trate somente de conteúdos e conhecimentos, mas que se trate de “nós”. Que coloque em jogo nossa sensibilidade, a pergunta aberta, o não saber, o “ficar pensando” ou apenas, o surpreender-se...

A necessidade de viver a experiência das sensações, dos significados, das razões, dos sentimentos, dos sentidos ou sem-sentidos de tudo que nos passa encharca nossas vidas, nos molha inteiros e ainda que sejamos incapazes de conservar sua água, guardamos em nós a umidade da experiência de seu toque.

### **As voltas que o Tempo dá.**

*Alice: Quanto tempo dura o eterno?  
Coelho: Às vezes apenas um segundo.*  
Lewis Carrol

*Que é, pois, o tempo? (...) Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei.*  
Santo Agostinho

O pequeno diálogo extraído do livro *Alice no País das Maravilhas* nos abre ao pensamento sobre as diferentes experiências do tempo, sobre a subjetividade do correr ou do parar do tempo. Significa dizer que o tempo não é experienciado à mesma maneira pelos sujeitos, é dizer que a subjetividade de cada um, dá significados diferentes, teores diferentes, sabores diferentes, prazeres ou desprazeres diferentes, para cada experiência do tempo.

O trecho de Santo Agostinho nos remete à ideia de que somos capazes de viver a experiência do tempo, mas convertê-la em palavras, nos torna levianos pela limitação e pelo esvaziamento que produziríamos.

Através destes trechos supracitados, percebemos que falar sobre o tempo não é tarefa fácil e ao tentar fazê-lo, invariavelmente pensamos no tempo *chrónos*, no tempo *kairós*



e no tempo *aión*, e não significa que sejam três tempos diferentes, e sim, diferentes maneiras de lidar com o tempo.

O tempo *chrónos* está relacionado com a linearidade dos acontecimentos, com a sequência, é o tempo cronológico, passível de medida, possui um princípio e um fim. É o tempo da Modernidade que segundo Skliar (2003, p. 39) é o “tempo da ordem, da coerência, do significado preciso, do aprisionamento de tudo o que é vago, a certeza de toda palavra, o futuro certo e seguro de si mesmo, o passado nostálgico do que acreditamos ser e não fomos, ou não pudemos ser”.

O tempo *kairós* é o tempo da oportunidade, do acontecimento de coisas especiais, é um tempo para conversar, para amar, para ler, significa que há um tempo para tudo na vida. É o tempo experienciado pelos homens, aquele que nem sempre coincide e nem se rende à cronologia (FERREIRA & ARCO-VERDE, 2001).

O tempo *aión* não possui uma medida precisa, é o tempo da criatividade onde as horas não passam cronologicamente, é a duração do tempo da vida humana, da experiência, é a manifestação subjetiva do tempo *chrónos*. Segundo Oliveira (2012), é o “tempo das durações e das intensidades”.

Oliveira (2012) comenta que tais temporalidades coexistem no momento presente, no agora e nos permitem experienciar a intensidade, a energia e a veemência deste presente.

Tais concepções de tempo nos levam invariavelmente à reflexão de como experienciamos o tempo no cotidiano de nossas vidas, pois como nos diz Prigogine (1996, p. 09) “o tempo é a dimensão fundamental de nossa existência” e sendo assim, vivemos uma experiência no tempo e com o tempo.

Tuiávii, chefe de uma tribo Tiavéa, nos mares do sul da Polinésia, percebe que o papalagui divide o dia, como se fosse uma fruta, em pedaços cada vez menores. E nomeia cada pedaço como: segundos, minutos, horas... (O PAPALAGUI, 2003).



Nesta obra, o Papalagui é o homem branco, sempre insatisfeito com o tempo que tem, que não se dá conta do tempo que tem e de sua incapacidade de usar o tempo na sua totalidade. O tempo que o Papalagui deseja está à sua frente, mas não pode enxergá-lo. Assim, pensamos: se realmente temos todo o tempo de que precisamos, então, que experiência estamos fazendo do tempo? O que nos impede de percebermos que temos tempo para o que queremos? O que nos impede de dar tempo para que “algo nos passe”?

Dizem que não temos tempo, aceitamos que não temos tempo, repetimos que não temos tempo. A linearidade do tempo concebida pelo pensamento Moderno foi materializada pelo relógio mecânico que a sua vez, se incumbiu de fragmentar e segmentar o tempo em função da regulação dos fenômenos naturais e das atividades humanas e com o relógio, surgiu a ideia da falta de tempo.

Sustentamos o discurso de que não temos tempo e assim, a experiência se torna cada vez mais rara. Porque o tempo está a serviço da produção, serve ao fazer e nele não há lugar para o acontecer. Mas porque não temos tempo? Que tempo que não temos? O tempo do “tic-tac” do relógio?

Sobre a falta de tempo, citamos:

Nunca o tempo nos falta, nunca nos enfastia. Adiante-se aquele dentre nós que não tem tempo! Cada um de nós tem tempo em quantidade nos contentamos com ele. Não precisamos de mais tempo do que temos e, no entanto, temos tempo que chega. Sabemos que no devido tempo havemos de chegar ao nosso fim e que o Grande Espírito nos chamará quando for sua vontade, mesmo que não saibamos quantas luas nossas passaram. Devemos livrar o pobre Papalagui, tão confuso, da sua loucura! Devemos devolver-lhe o verdadeiro sentido do tempo que perdeu. Vamos despedaçar a sua pequena máquina de contar tempo e lhe ensinar que, do nascer ao pôr do sol, o homem tem muito mais tempo do que é capaz de usar (O PAPALAGUI, 2003, p. 52).

Larrosa (2014) diz que o sujeito moderno é um eterno insatisfeito, que seu desejo por estar permanentemente excitado, o impede de vivenciar o silêncio, e assim, nada lhe passa, nada lhe acontece. A obsessão em seguir o curso acelerado do tempo, torna o sujeito, um sujeito sem tempo.

E o autor complementa:



A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2014, p.25).

Com o trecho citado acima percebemos que se nos mantivermos acorrentados aos ponteiros do relógio, se nos mantivermos escravos do “tic-tac” que já se converteu em melodia em nossas vidas, não nos abriremos à experiência, não permitiremos que algo nos passe, não veremos nada nos acontecer, não perceberemos o sentido ou o sem-sentido de que algo pode se apoderar de nós, nos tombar e nos transformar.

Com relação à experienciação do tempo, percebemos que esta é uma problemática ainda mais subjetiva, não apenas pela concepção de tempos diferentes, mas por que a experiência do passar do tempo, do correr dos ponteiros em nós, em nossas vidas, nossos movimentos, produz diferentes significados. E no chão da escola, a subjetividade da experiência com o tempo se corporifica através da sensação que temos pelo acelerado ou o desacelerado passar do tempo frente a determinadas tarefas.

A questão do tempo na escola perpassa cada vez mais pela questão da experiência. Nossos alunos se encontram cada vez mais tempo em sala de aula e cada vez com menos tempo para experienciar o ensino e a aprendizagem verdadeiramente. O currículo tem sido organizado em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos. A escola tem tomado para si a responsabilidade pelo ensino de tudo o que uma pessoa precisa aprender durante a sua formação e assim os alunos têm conteúdos demais, anulando as possibilidades de experiência. O conhecimento se dá sob a forma de informação e o aprender passou a ser visto como forma de adquirir e processar informação. Deixou de importar o que é feito durante o tempo em que se está na escola.

O fato é que cada aluno experienciar o tempo de maneiras distintas, muito embora tenhamos todos a mesma sensação de que quando se gosta da atividade proposta o tempo passa mais rápido. De acordo com Gómez (2001, p.17) "Quando fazemos algo



que nos interessa, o tempo nos parece curto. E quanto mais tempo prestamos à sua duração, mais longo ele nos parece".

A palavra “tempo”, diríamos, designa simbolicamente a relação que um grupo humano, ou qualquer grupo de seres vivos dotados de uma capacidade biológica de memória e de síntese, estabelece entre dois ou mais processos, um dos quais é padronizado para servir aos outros, como quadro de referência e padrão de medida (ELIAS, 1998, p. 39-40).

Para Viñao Frago e Escolano citado por Lauro (2012, p. 182), a invenção do relógio e sua difusão social, que se originou nos começos do século passado, foi o que ocasionou a cisão espaço-tempo que se operou com a Modernidade e que supõe uma ruptura com a estreita vinculação que ambas tiveram nas culturas pré-modernas.

Ele marca as horas de entrada na escola e de saída dela, os tempos de recreio e todos os momentos da vida e da instituição. A ordem temporal se une, assim, à do espaço, para regular a organização das primeiras aprendizagens (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO citado por LAURO, 2012, p. 182).

Os instrumentos de medição do tempo, como os relógios, calendários, ritmo das marés e pôr do sol, sempre transmitem mensagens. Os relógios, mecanismos físicos construídos pelos homens, transmitem mensagens e regulam os comportamentos do grupo. Indicam o tempo, fazendo-o através de uma produção contínua de símbolos que só tem significação em um mundo habitado por homens. De acordo com Elias (1998),

[...] o que um relógio comunica, por intermediário dos símbolos inscritos em seu mostrador, constitui aquilo a que chamamos tempo [...] O tempo tornou-se, portanto, a representação simbólica de uma vasta rede de relações que reúne diversas sequências de caráter individual, social ou puramente físico (p. 16-17).

Por meio de nossa experiência vivenciada cotidianamente com nossos alunos, percebemos que a escola faz uso do tempo *chrónos*, ou seja, o tempo cronológico, que é passível de medida, sendo muito usado para isso o relógio, que se torna essencial na escola para a divisão das aulas, dos “horários para tudo”.

Pensamos que a escola deveria lidar com o tempo de diferentes maneiras, fazendo uso não somente do tempo *chrónos*, mas também do tempo *kairós* e *aión*. Caso a escola dê menos importância ao tempo cronológico, em que deve seguir horários e colocar em prática todo o conteúdo planejado para aquele dia, os alunos poderão ter mais



participação e exprimir suas vontades, vivenciando outras maneiras de se lidar com o tempo e com sua própria aprendizagem, tornando-os assim, mais prazerosos e interessantes. Sendo assim, será que não deveríamos repensar o papel do professor na criação de uma maneira outra de habitar a escola e experienciar o tempo dentro dela?

Entendemos que o conceito de tempo e o entendimento sobre o mesmo, faz parte indissociável da prática pedagógica que se leva adiante. Seríamos ingênuos e levianos se acreditássemos que nossas práticas pudessem ser mudadas “do dia para a noite”. Sem embargo, sentimos que nos faz falta pensar de maneira problemática sobre o tempo da e na escola, que não deixa de ser também, o tempo da e na vida.

Anunciar uma possibilidade outra de se experienciar o tempo e suas possibilidades no Ensino de Filosofia, envolve pensar a realidade a partir de nossa própria *sapiência e demência*<sup>1</sup>. O paradoxo está em nós. “Hoje, parece ser a única forma de qualquer coisa, a única condição imposta a todo ser” (BALANDIER, 1999, p. 8). A questão é que também, as palavras rapidamente se desfalecem quando tentamos deter com elas mesmas, as relações complexas de um tempo cujo movimento é inevitável. No fluxo *contínuum* da vida, constituímos-nos também pelas interações que fervilham pelo tempo fora de uma lógica linear evolutiva. Pela multiplicidade e a velocidade dos eventos no hoje, o caminho histórico do mundo nos mostra que existiram e que existem outras facetas que impulsionam a vida e o sujeito no tempo e por que não dizermos, formas de se conceber e controlar a vida através de um entendimento de um tempo congelado.

Entretanto, algo diferente vem acontecendo pela história, nos possibilitando neste agora, através de outro prisma, tornar fluida não somente a vida presente, mas compreender que o passado também não é estático, e que logo, o futuro não é fatídico pelo determinismo de um disparo factual da história.

---

<sup>1</sup> O homem é um ser que não vive apenas da racionalidade, nós também nos desgastamos, dançamos, temos ritos. Somos uno e múltiplo. Tal como nos diz Morin (2002b, p. 52), “o humano é um ser a um só tempo plenamente biológico e plenamente cultural, que traz em si a unidualidade originária”. Estamos na condição atual de *Homo sapiens sapiensdemens* (MORIN, 2002b).





O *afetamento* da noção de tempo no Ensino de Filosofia nos incita em falarmos de conscientização no Ensino na Atualidade. Uma conscientização no sentido puro, em que não nos apoiemos em verdades pré-estabelecidas, e nem num ato que termina e que apenas ordena. Repensar a lógica de viver a espacialidade do tempo que enclausura, e que pouco pensa sobre si mesmo. O tempo e o Ensino de Filosofia se interpenetram; mas, pouco nos perguntamos sobre o nosso tempo através das questões que inculcam o nosso ser, fazendo do nosso pensamento movente. Pouco nos movemos rumo à autocrítica, mas, por vezes, nos fincamos no ontem; divagamos no alento da máquina perfeita cartesiana e newtoniana. Neste *fincamento*, o Ensino de Filosofia pouco se move. Mover-se significaria pisar na areia movediça da incerteza. É deixar a repetição e proporcionar a criação. Uma poética da Filosofia.

O Ensino de Filosofia precisa ser organizado de forma crítica e *religada* na forma de se compreender o *afetamento* da concepção de tempo como um fluxo *contínuum* na vida cotidiana que apresenta certa descontinuidade.

A questão que está imbricada em pensar e repensar o tempo em nossas vidas, não é de apenas compreendê-lo de outra forma, mas de compreendê-lo num movimento retroativo duplo. A própria organização de nossas vidas sendo afetada pelos entornos e contornos de como vemos o apreendemos o tempo. Doravante, Carlos Skliar (2002), nos dá indícios de vivificarmos tais processos no próprio cerne do Ensino. Assim, pois, se as mudanças já não são o que eram, e que é a mudança que nos pensa, é possível, pensarmos ainda a mudança educativa a partir de outra lógica de se conceber o tempo neste âmbito no Ensino de Filosofia.

Este tempo é o único que temos. Mas este tempo não é único possível. São tempos que se atravessam, mas que são antagônicos e complementares. É neste ínterim que o Ensino de Filosofia precisa se fazer possibilitando no seio das incertezas e certezas, um ensino que possibilite o Outro filosofar. Pelos encontros e desencontros de nós mesmos, a partir da crítica aos moldes que estão postos, procurando dialogar as ideias contrárias.



Estamos no redemoinho do tempo, da morte e da vida, que se entrelaçam na dialógica da ordem e da desordem produzindo a organização, pois que um caminha lado a lado com o outro em meio ao tempo que reconhece os acasos pela irreversibilidade e pela quase precisão do movimento de rotação. No entanto, é imprescindível sabermos que “um mundo totalmente desordenado seria um mundo impossível; um mundo totalmente ordenado tornaria impossíveis a inovação e a criação” (MORIN, 2007, p. 206). Nossa existência não se desvincula desta cascata de *acontecimentos*. É mister compreendermos pois, que os diferentes tempos se complementam, são concorrentes e antagônicos que constituem juntos o tempo da vida em seu próprio redemoinho que traz o germe da riqueza ramificada e diversa, una e múltipla (MORIN, 2005). “O tempo da vida é com efeito o tempo dos acontecimentos, o tempo dos ciclos” (MORIN, 2005, p. 267). Aqui então, a nós e ao Ensino de Filosofia, resta a reflexão de (re)pensar como objeto desses apontamentos, o quão enovelados estamos neste movimento complexo, cuja historicidade da vida do Outro caminha conosco, constituindo conforme Morin (2005) uma desordem ativa e uma desorganização permanente, aberto ao novo. O encontro com o Outro na complexidade de um Ensino de Filosofia que possibilite filosofar a realidade junto ao movimento de que o tempo é a própria vida.

Quiçá, se pudéssemos entender a profundidade das falas do Tuiávii, na obra “O Papalagui”, poderíamos nos livrar da melancolia do “tempo perdido” e mergulharíamos na singeleza da sabedoria que experiência do tempo pode nos proporcionar.



## Referências

BALANDIER, G. **O dédalo**: para finalizar o Século XX. Tradução Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorje Zahar, 1998.

FERREIRA, V. M. R.; ARCO-VERDE, Y. F. S. **Chrónos & Kairós**: o tempo nos tempos da escola. *Educar*, Curitiba, n. 17, p. 63-78. 2001.

GÓMEZ, M. S. P. **O tempo e a aprendizagem subsídios para uma nova organização do tempo escolar**. Editora ASA, 2001, p. 5-158.

LARROSA, J. Experiencia y alteridad en educación. In LARROSSA, J; SKLIAR, C. **Experiencia y alteridad en educación**. 1ª ed. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2009.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LAURO, B. R. Rotinas na creche - entre o tempo e as infâncias vividas. In: MARQUES, L. P.; MONTEIRO, Sandrelena, S. S.; OLIVEIRA, C. E.A. (Orgs.). **Tempos**: movimentos experienciados. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012, p. 173-198.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva, Jeanne Sawaya. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002b.

MORIN, E. **O método I**: A natureza da natureza. Tradução Ilana Heineberg. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, E. **O método 6**: Ética. Tradução Juremir Machado da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

OLIVEIRA, C.E.A. Escritura das noções de tempo. In MARQUES, L.P.; MONTEIRO, S.S.; OLIVEIRA, C.E.A. (Orgs.). **Tempos**: Movimentos experienciados (pp. 21-47). Editora UFJF, 2012.



**O PAPALAGUI.** São Paulo: Marco Zero, 2003.

PRIGOGINE, I. **O fim das certezas:** tempo, caos e as leis da natureza. 3ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

SKLIAR, C. A educação que se pergunta pelos outros: e se o outro não estivesse aqui? In: LOPES, A. C. & MACEDO, E. (Org.). **Currículo:** debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2002. p. 196-215.

SKLIAR, C. Sobre a temporalidade do outro e da mesmidade – notas para um tempo (excessivamente) presente. In\_\_\_\_\_. **Pedagogia (improvável) da diferença:** e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.